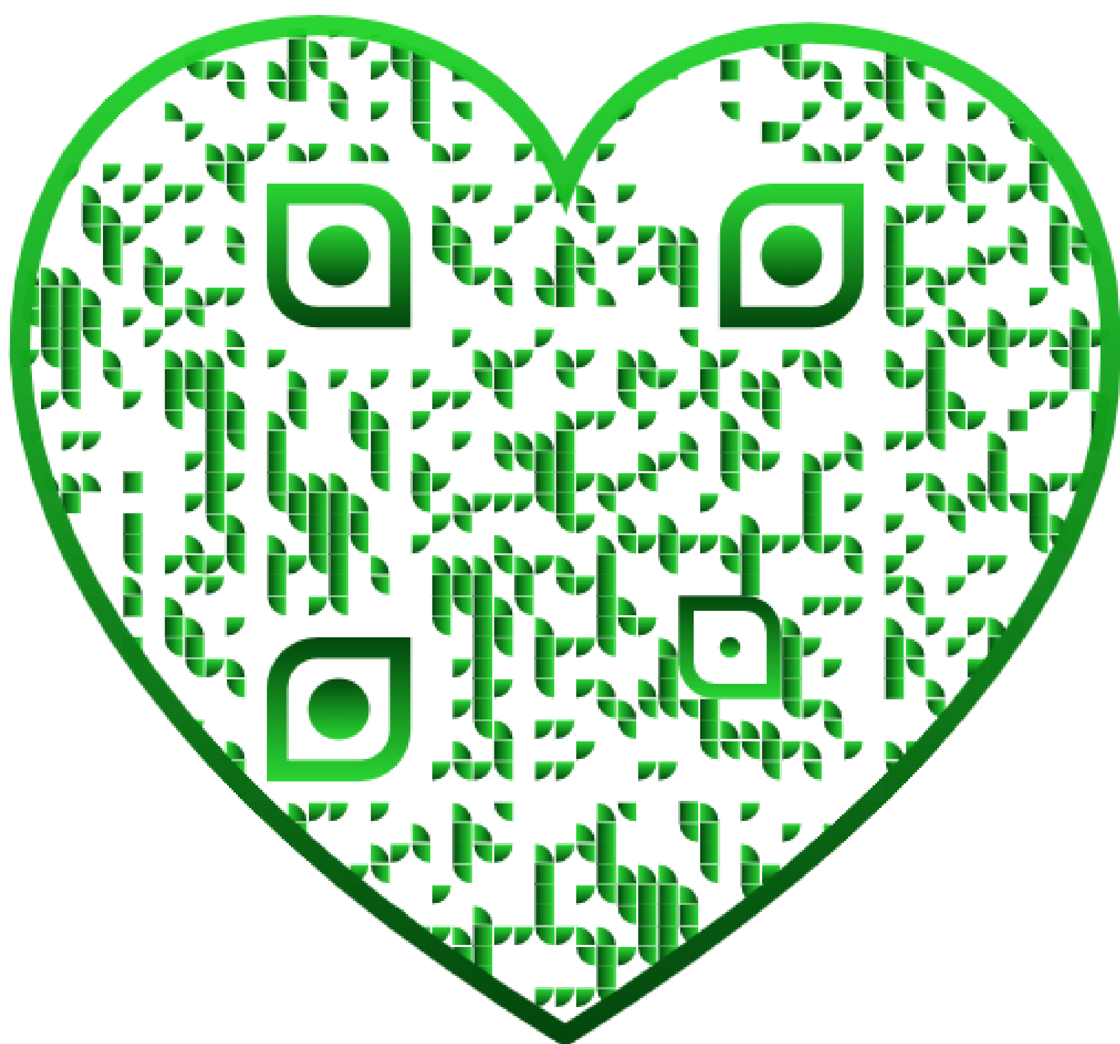
Dark Hunters - Gallagher - Sherrilyn kenyon







O Natal de um Dark Hunter

Sherrilyn Kenyon

Disponibilização/Tradução: Sarah Gomes

Revisão: Sarah Gomes

Formatação: Meliodora Dumbledore

Nascido no final do século, sua chegada ao mundo serviu para mergulhar ainda mais na miséria o casamento de seus pais, dois imigrantes.

James Cameron Patrick Gallagher nasceu do ressentimento. E as circunstâncias não melhoraram quando sua mãe deu a luz na parte trazeira da fábrica onde trabalhava como uma escrava - lugar que deveria ter sido declarado como construção em ruínas - e por ser uma mulher tímida e não queixosa que teve que retornar para o trabalho algumas horas depois de ter entregue o bebê nos braços de um pai nervoso e alcoólatra, um pai que se caracterizava por não prestar qualquer atenção a seu filho - quando tinha um bom dia - e por ser bastante violento - em seus piores momentos. Jamie passou a maior parte de sua vida, do momento que seus pulmões se encheram de oxigênio ao nascer, lutando por algum respeito.

Lutando para sair da pobreza, que o perseguia enquanto crescia nos subúrbios, onde se instalavam os irlandeses em Nova York. Aos quinze anos, encontrou o modo de escapar.

Era o ano 1916, para Jamie foi um ano crucial, uma vez que aconteceram dois eventos importantes: primeiro seu pai morreu depois de cair bêbado no rio enquanto voltava para casa depois de passar três dias bebendo e jogando, e duas semanas mais tarde, ele começou a trabalhar para o famoso gangster Ally Malone. E assim pode alimentar sua mãe e seus oito irmãos mais novos.

Tornou-se um dos gorilas do Malone; o gangster ensinou-lhe maneiras de ganhar dinheiro que fizeram sangrar os joelhos de sua pobre mãe, depois de incontáveis rosários que rezou pela alma de seu filho uma vez que se inteirou de seu novo trabalho. Para Jamie tudo ia bem. Seu novo estilo de vida permitiu-lhe comprar almofadas de seda para os desgastados joelhos de sua mãe, que ao invés de rezar com um rosário de madeira barata, usava um de ouro e marfim. O mesmo que jogou na cara dele quando descobriu a verdade de seu trabalho. Jamie não era um garoto inocente, não tomavam vantagem dele nem o levavam de má fé. Ele se encarregou de todos que assim o fizeram. Aos vinte anos já era um implacável intimidador que tinha que ser levado em consideração. Repudiado por sua mãe, tinha conseguido um respeitável trabalho para um dos seus irmãos mais novos, Ryan, assim pode manter sua família, sem que sua mãe suspeitasse que continuasse sendo seus negócios sujos que colocavam comida na mesa. Aprendeu a endurecer seu coração e não se preocupar com nada e ninguém. Se tornou Gallagher, um homem que não possuía outro nome, e não desejava ninguém

por perto. Um homem duro e frio. Até o dia em que Rosalie chegou em sua vida e quebrou seu coração de pedra.

A menina, filha de imigrantes portugueses caminhava em retorno a casa após um dia completo de orações. Jamie tropeçou com ela pela pressa em que vinha.

Perseguia um "sócio" que necessitava certa "atenção". Era uma fria tarde de inverno em que a neve caia em abundância sobre a cidade. 11 de fevereiro de 1924.

A data foi gravada em seu coração e em sua mente para toda a eternidade. No instante que Rosalie colocou seus olhos castanhos escuros nele, sentiu o corpo inteiro consumido por chamas. Pela primeira vez em anos, sentiu algo mais do que frio e ódio cego.

-- Sinto muito -disse com seu sotaque exótico, enquanto alisava com suavidade o caro traje feito sobre medida - Não o vi, a neve ...

-- A culpa foi minha - apressou em corrigi-la - Certamente, teria sido espancada se qualquer outro homem estivesse em seu lugar, tão pouco gritou. A idéia desencadeou uma onda de fúria que ele não conseguiu entender. Era uma completa estranha, e ainda assim, lhe despertou um feroz instinto de proteção. E tinha alcançado seu respeito.

Dois sentimentos que nunca tinha associado às mulheres.

-- Rosalie! -- cuspiu sua mãe ao voltar para ela - Não fale com este homem. Não deve conversar com eles, quantas vezes tenho que repetír? - Capturou seu braço enquanto dirigia a Gallagher um olhar suplicante e submisso - Perdoe-me a minha filha senhor. É jovem e imprudente.

-- Não se preocupe senhora - foi rápido em responder. E olhou para os olhos de Rosalie, abertos de par em par. Era realmente formosa. Levava os

cabelos negros recolhidos em volta da cabeça em uma espessa trança. O véu que lhe cobrira na Igreja tinha caído depois do encontro com ele. Seus olhos escuros tinham um olhar inocente e puro. O sangue e a violência, sempre presente na vida de Gallagher, não a tinha tocado. O que mais lhe impactou foi seu olhar carinhoso. Não queria que nada o embaçasse que nada pudesse lhe endurecer ou lhe esfriar. Que nunca mostrasse amargura. Tal como ele.

-- Me permite cortejar sua filha? - perguntou antes que pudesse deter sua língua.

O rosto da senhora esboçou uma expressão de completo horror. Os irlandeses brancos não cortejavam as portuguesas. A sociedade não toleraria uma coisa dessas.

-- Não - respondeu abruptamente, afastando sua filha dele aos tropeções.

Jamie poderia ter aceito esse "não" como uma resposta definitiva. Gallagher não.

Levou mais de uma centena de dólares em subornos para localizar Rosalie, mas ela merecia cada centavo. Sem tomar em consideração os pontos de vista dos pais da menina, de seus sócios e da sociedade como um todo, casou com ela em 17 de junho de 1925.

Rosalie só veio a conhecer Jamie, o verdadeiro, quando morreu tentando chegar ao hospital enquanto ela lutava para dar à luz a seu primeiro e único filho em outra noite fria de intensa nevasca, alguns dias antes de seu aniversário de trinta e três anos. Sabia que as autoridades estavam trás dele, sabia que tinha alvo em sua cabeça, mesmo que estivesse tentando se regenerar. Mas nada disso importava naquele momento. Rosalie precisava dele e não queria decepcioná-la. Esta decisão custou sua vida.

Nova Orleáns, setenta anos depois.

Gallagher franziu o cenho ante o formigamento que se expandia por suas costas. Há tempos havia aprendido a distinguir essa a sensação como sinal da proximidade de uma Daimon. Girou para uma rua lateral e estacionou seu Bugatti Atlantic Aerolithe, modelo exclusivo de 1932. Sim! A sensação persistia, ainda mais intensa que segundos antes. Saiu do carro e parou para se orientar. Nos últimos setenta anos só tinha estado em Nova Orleáns, em um par de ocasiões, e, apesar da cidade não ter mudado muito, levou alguns minutos para lembrar a localização do bairro francês. O luz da lua se filtrava através dos portões de ferro forjado recobertos com videiras, e iluminava os velhos ladrilhos avermelhados dos edifícios. Até ele chegavam os sons distantes de ecos de risos, música, e claro, o som do tráfego. Aguçou sua audição em busca de um sinal que indicasse a posição dos Daimons. Foi quando ouviu um agudo chiado. Apressou-se em seguir o som, e encurtou o caminho usando os becos traseiros até encontrar uma jovem perto de um container, rodeada de quatro Daimons e um quinto que já havia afundado seus dentes em seu pescoço. Gallagher correu como um louco para eles. Três das quatro criaturas fugiram, mas o que se alimentava liberou a jovem para o enfrentar. Os dois Daimons atacaram simultaneamente, mas não conseguiram nada. Um par de golpes bem colocados e rápidas punhaladas no meio do peito e os Daimons foram história.

Ele correu em direção a mulher e ajoelhou a seu lado. Delicadamente a virou para si e descobriu que não passava dos vinte anos. Tinha a aparência de uma colegial perdida, separada de suas amigas. Gallagher amaldiçoou o

destino que a tinha colocado no caminho dos Daimons. Felizmente, ela ainda estava viva, embora fazia um enorme esforço para respirar. Ele pegou seu lenço, com suas iniciais bordadas, e pressionou com força na espantosa ferida para deter o sangramento. A colocou em seus braços com agilidade e levou com rapidez para o carro, dirigindo a toda velocidade, para o hospital mais próximo. Resultou ser o Hospital Universitário de Tulane. Chegou justo em tempo, mais alguns minutos e teria sido demasiado tarde para a menina.

Graças a Deus que tinha detectado a presença dos Daimons ao atravessar a cidade. Gallagher dirigiu-se para a sala de emergência com ela nos braços, onde descobriu rapidamente que o pessoal da equipe médica não estava muito disposto a admitir mulheres desconhecidas que chegavam acompanhadas de um estranho coberto de sangue.

-- Olhe - dirigindo-se bruscamente para a recepcionista, uma loira muito empinada que imediatamente lembrou a um Pitbull encrespado - encontrei-lhe em um beco. Não transportava carteira ou bolsa e não a conheço, mas se me arrumar um telefone chamarei alguém que irá pagar a fatura, entendeu? Uma vez que colocou a recepcionista em contato com Nick Gautier, e certificou-se de atenderiam a garota, se permitiu respirar profundamente. Claro isso foi antes que a boa senhora o colocasse diante das autoridades e passasse as seguintes duas horas em uma sala de reuniões do hospital, respondendo as perguntas da polícia de Nova Orleáns. Até que se retiraram com a chegada de Nick Gautier e Kyrian Hunter. Pelo visto Kyrian era bastante conhecido e respeitado entre a força policial, para que o loiro ex-general grego pudesse interceder por ele.

-- Você está bem? -- Perguntou enquanto deixavam a sala de interrogatório.

-- Não muito - murmurou Gallagher, e lançou um feroz grunhido para os polícias que passavam naquele momento - Depois de morrer em uma emboscada dos homens de azul, a minha simpatia por eles é a mesma que você têm pelos romanos.

Nick, que era tão alto como Gallagher e possuía a enganosa aparência de alguém agradável, se mantinha alguns passos atrás.

-- Não chegaram a me disparar, apesar de que alguns deles tentaram, em uma ocasião. Devo dizer que partilho o seu desdém.

Gallagher agradeceu-lhes a sua ajuda e se despediu. Nunca foi de manter uma conversa e, embora os dois homens tivessem lhe dado um grande apoio, a única coisa que ele queria era estar só por algum tempo. Não que tivesse algo contra algum deles, mas referia a sua própria companhia.

O deixaram na sala de espera do hospital, depois de deixarem claro de que deveria chamar caso necessitasse algo mais. Quando ficou sozinho, perambulou pelo hospital.

Precisava ter certeza de que a menina iria sobreviver. Ansioso e incapaz de permanecer sentado enquanto a atendiam, começou a vagar através dos corredores sem ter consciência do que estava fazendo. O local estava profusamente decorado com enfeites de Natal. Guirlandas verdes e vermelhas, junto com flores de Páscoa, acrescentavam um toque de calor para a esterilidade do branco.

Um par de enfermeiras e duas adolescentes lhe dirigiram sorrisos provocantes ao verem ele passar.

O efeito que exercia sobre as mulheres era sempre o mesmo. Seus olhos escuros, cabelos negros, um e noventa e cinco metros de altura,

juntamente com os seus músculos e sua atitude reservada, inevitavelmente chamavam a atenção das mulheres.

Mas não o usava em seu favor, nunca o tinha feito. As propostas recebidas e constantes olhares não eram mais do que meros detalhes cotidianos. E embora quase sucumbisse à tentação em uma ou duas ocasiões ao longo dos anos, nunca tocou outra mulher depois de sua esposa. A tinha respeitado durante todos os anos que tinha permanecido nesse mundo. Podia ter quebrado todas as leis estipuladas nos livros, mas nunca tinha quebrado uma promessa.

Especialmente se tivesse feito a uma pessoa que amava. Mesmo após a morte de Rosalie, vários meses atrás, não sentia desejo de acariciar qualquer outra mulher. Gallagher lhes sorriu, inclinou sua cabeça as saudando, e prosseguiu seu passeio.

Não demorou muito tempo para perceber que tinha atingido a ala de pediatria, e ao reconhecer o local, seu estômago se contraiu. Numa ocasião tinham esperado chegar ao hospital a tempo de ver seu filho. Mas nunca chegou.

Sem pensar, e a toda carreira, tinha saído do edifício onde se encontravam seus escritórios como um louco em direção a seu carro, e antes de se dar conta do que ocorria, se viu cercado por polícias. Gallagher, que nunca tinha pedido nada a ninguém sem devolver mais tarde multiplicado por dez, levantou as mãos.

Por Rosalie, se entregou sem resistir. Mas, em vez de lhe ouvir, tinham lhe disparado como a um animal raivosos. Incapaz de suportar as memórias estava prestes a dar a volta, quando algo estranho capturou sua atenção. Havia uma mulher com o aspecto de Elfo, disfarçada de Papai Noel, com uma

saia minúscula e meias listradas de vermelho e branco desaparecendo um par de desgatadas botas militares negras. Estava cantando para um grupo de crianças e sua voz rivalizava em beleza e harmonia, com os coros celestiais. Era alta, e de uma forma exótica, extremamente atraente.

Seu aspecto era muito estranho, tinha olhos castanhos avermelhados com um brilho que lhes dava uma nuance espectral, possivelmente usava lentes de contato; suas orelhas eram pontiagudas e o seu cabelo negro estava salpicado de mechas cor mogno.

Mas o que o deixou atordoado foi o homem que a acompanhava: Acheron Parthenopaeus. O grande líder dos Dark Hunters estava sentado no chão e cercado por crianças enquanto tocava um violão e acompanhava a mulher que cantava. A imagem deixou Gallagher absolutamente perplexo.

Durante todos os anos de relacionamento com Ash, nunca viu ele tão relaxado. Normalmente, Acheron mantinha uma imagem decididamente fria e letal. Sua aparência advertia a todos que se aproximavam que guardassem distância se queriam continuar com vida. Mas esse não era o Ash que estava em sua frente naquele momento. O homem que estava sentado no chão tinha todo o aspecto de uma criança, simpático e acessível. Ainda que usasse seus inseparáveis óculos escuros, a expressão de seu rosto era amigável e sincera.

Demônios! até sorria, algo que parecia ao Ash impossível. E o que era mais surpreendente, ao contrário do resto dos caçadores, não tinha presas...

Gallagher franziu o cenho, jurava que tinha os visto em algum momento, mas nesse momento, enquanto oferecia às crianças seu sorriso convidando-as a cantar, não havia nenhum vestígio deles. Sua voz profunda misturava-se

com a da menina ao cantar "Coloque um pouco de amor no seu coração" de Jackie Desh.

-- Opa! Esta sena não se vê todos os dias, não é mesmo? Dois sinistros punks no meio de uma festa para crianças doentes. Gallagher virou-se e viu uma medica afro americana de meia-idade, justo ao seu lado. Parecia cansada, mas sinceramente divertida pelo espetáculo que Ash e sua assistente élfica tinham montado para as crianças.

-- Não sei bem - respondeu a médica.

A mulher sorriu.

-- Devo admitir que custei acostumar com eles quando eu comecei a trabalhar aqui, há alguns anos atrás. Pensei que estavam tirando comigo quando me falaram do Sinistro anjo da guarda e sua fundação para crianças. Gallagher arqueou uma sobrancelha ante o apelido.

-- Quer dizer que vêem aqui muitas vezes?

-- Cada dois ou três meses. Sempre traz presentes para as crianças e funcionários, uma vez que os entrega se dedica a brincar com os pequenos por um tempo.

Gallagher não poderia estar mais perplexo. Igualmente espantado se a doutora tivesse dito que Ash se dedicava a reduzir a cinzas o hospital de tempos em tempos.

-- A sério?

-- Sim! Acreditamos que é um tipo rico que precisa fazer obras de caridade. O mais surpreendente é que sua presença garante que as crianças permaneçam calmas, sua pressão arterial se reduz, e não há necessidade de administrar qualquer tipo de analgésico durante sua visita. E depois que ele vai, dormem pacificamente durante horas. E a melhor parte é que os

pacientes da oncologia experimentam uma durante semanas. Não sei exatamente o que há de especial nele, mas consegue que suas vidas sejam muito mais agradáveis. Ele compreendida perfeitamente, ao mesmo tempo em que Ash podia ser temível, tinha alguma coisa no Atlante realmente reconfortante. Mas ao diabo se ele sabia dizer o que era.Soube o momento preciso em que Acheron sentiu sua presença. Viu como o véu caia novamente em seu rosto, o humor desaparecia, e o caçador adotava uma atitude visivelmente tensa. Ash tinha se transformado no impiedoso e feroz líder dos Dark Hunters que ele conhecia tão bem.

Logo que a canção terminou, ele tendeu o violão a uma das crianças e se despediu. Ficou de pé, e deixou o quarto com seu característico andar de passos largos, ágil e elegante, muito semelhante aos de um predador. Em contraste com a garota-elfo, Ash estava vestido inteiramente de preto, levava um par de jeans, uma camisa gola alta e uma jaqueta de couro. Sua face tinha uma expressão indecifrável enquanto se encaminhava para ele com os braços cruzados no peito. Mas Gallagher ainda via a graça do que acabava de presenciar.

-- Vá, vá. Santo Ash, que ia dizer?

Acheron ignorou o comentário.

-- O que faz em Nova Orleáns?

Gallagher encolheu de ombros.

-- Passava por aqui.

Detrás dos óculos escuros uma das sobrancelhas de Ash se levantou.

-- Você passava por aqui? A última vez que olhei onde ficava Chicago ainda se encontrava ao norte de Baton Rouge, não ao sul.

-- Eu sei, mas como estava perto, decidi passar no Santuário e desejar Boas Festas a todos.

Ash podia ler todos os pensamentos do irlandês, e deixou que todas suas emoções o inundassem. Sua esposa tinha morrido por causa de sua idade avançada, no Verão passado, e a Gallagher custou muito o golpe. Assim que soube da morte de Rosalie, veio verificar seu estado, e descobriu que tinha violado o Código de Conduta visitando-a no hospital. Decidiu fazer vista grossa ante a falta, podia não ter conhecido o significado do amor humano, mas compreendia aqueles que tiveram a sorte de experimentá-lo. Acrescente a isso, o escudeiro designado a Jamie tinha se retirado em outubro, e sendo que nenhum outro havia sido designado ainda, compreendia porque o Natal em Chicago apresentava uma perspectiva muito solitária para um homem que tinha vivido a sua existência mortal cercado por uma grande família e muitos amigos.

-- te proponho uma coisa: uma vez que esta aqui, por que não fica até passar o Ano Novo?

Jamie fez uma cara de Troça ante o comentário.

-- Não necessito sua compaixão.

-- Não é compaixão. É uma ordem. Uma vez que Kyrian se retirou, a Talon viria muito bem que alguém desse uma mão. A atmosfera é normalmente muito agitada esta época do ano. Muitos Daimons se movem para o sul em busca de um clima mais quente e as multidões que celebram na rua a chegada do Ano Novo.

Gallagher não engoliu a explicação de Ash; tinha a sensação de que o homem estava a tentando simpatizar com ele, e isso não o agradava em nada.

-- se meteu em algo, o que está acontecendo com você? -- Mas antes que Ash pudesse contestar, a menina elfo deixou o quarto com um pequenino ao redor da cintura.

-- Akri? -- Se dirigiu a Ash com aquela voz hipnótica - Posso ficar com ele? - perguntou enquanto dava tapinhas na perninha rechonchuda que apareciam abaixo da camisola do hospital -Olha, ele come bem. Uma grande quantidade de gordura aqui.

O pequeno moreninho riu a gargalhadas.

-- Não, Simi- contestou Ash rigorosamente - Não pode ficar com o bebê. Certamente sua mãe sentiria sua falta.

Ela fez pouco caso.

-- Mas gostaria de vir para casa com Simi. ele me disse.

-- Sim! gritou a criança com entusiasmo - Scotty quer ir para casa com Simi.

-- Viu?

-- Não, Simi -repetiu Ash.

Ela estava zangada com ele.

-- Não Simi, nenhum alimento. Sempre dando não. Seu papai também nega para você? -perguntou ao pequeno.

-- Não-respondeu enquanto puxava um dos chifres vermelho e preto que sobressaia da cabeça de Simi.

Ash suspirou.

-- Simi leva a criança para dentro.

Ela se moveu ficando em sua frente.

-- Ok, me dá um beijo e eu vou.

Ash analisou Gallagher com uma expressão que traia seu desconforto, e de novo olhou para a menina.

-- Na frente de um Hunter não, Simi.

Simi olhou a Gallagher fazendo um estranho ruído, semelhante a um animal.

-- Simi quer um beijo, akri. Não irei até que me beije. Esperarei um século. E sabe que eu sou capaz.

Dizer que Ash parecia irritado era pouco. Grunhindo, se inclinou a menina e beijou sua testa. Ela sorriu muito orgulhosa.

-- Eu te amo, akri.

-- Eu também, Simi -alargou ainda mais seu sorriso e saiu trotando alegremente com a criança.

-- Quem é ela? perguntou Gallagher -Não, a pergunta correta é: o que é?

-- Em poucas palavras: Não te importa.

Gallagher se questionava sobre a menina, especialmente o fato de querer comer o filho e alguém. Uma vez dentro da sala, ela deu golpezinhos no vidro e acenou com à mão, para então começa a dançar com o menininho. Ash esfregou sua testa como se doesse a cabeça.

-- Onde estávamos?

-- Perguntei por que queria me dar um trabalho temporário em Nova Orleáns.

-- Porque Talon precisa de ajuda.

-- E eu me pergunto o que Talon vai dizer.

-- Vai dizer que não me ponha de saco cheio.

Gallagher riu do comentário.

-- Ok então. Tomarei como um aviso.

Ash inclinou a cabeça para olhar a menina e as crianças que estavam no quarto.

-- Pode ficar com Peltier no Santuário. Mas fique longe do Etienne, ou se meterá em problemas. E falando em problemas, melhor ir antes que uma das crianças acabe em uma caixa de leite.

Gallagher observou Ash, que se precipitava no interior do quarto e afastava uma menina dos braços de Simi. A menina se afastou dançando até chegar junto a outro pequeno. Gallagher sacudiu sua cabeça ante o estranho fenômeno, e dirigiu-se ao elevador para o térreo e verificar o estado de sua paciente. Ainda pensava em Ash e a

tal Simi, quando chegou a recepção.

-- Você ainda está aqui? -- Assim que levantou a vista e o viu.

-- Sim. Gostaria de saber como está a menina.

-- A Senhorita Turner esta bem. Chamamos seus pais, mas vivem ao Norte do Mississipi, assim recorremos a sua companheira de quarto.

Gallagher suspirou aliviado e agradecido. A menina não corria perigo.

-- Disse que se estivesse ainda no hospital, queria te ver.

Duvidou.

-- Não sei.

A enfermeira levantou da cadeira e apertou seu braço.

-- Ah, vamos lá! -- Disse atirando a cabeça para trás - Ela só quer te agradecer.

-- Não é necessário.

-- Há sim, todos precisamos receber agradecimentos. Venha.

Antes que pudesse se dar conta, deixou se guiar pela enfermeira até a pequena sala de emergências, separada do corredor por uma cortina. Estava sentada na maca e levava uma exagerada bandagem em seu pescoço. Os enormes olhos verdes tinham um olhar um pouco desfocado, mas se alegraram quando ouviram.

-- Como esta se sentindo? -- Perguntou a enfermeira.

-- Muito bem - disse com voz pastosa -Este é o homem que me salvou?

-- Sim senhorita. Só passou para me assegurar estava bem - dirigiu um sorriso a Gallagher e saiu deixando-os sozinhos.

A menina remexeu nervosa o cobertor que cobria.

-- Obrigado. Realmente.

Gallagher assentiu com a cabeça.

-- Foi um prazer. Me alegra poder te encontrar a tempo.

-- Sim, eu também.

Gallagher deu a volta para sair, se sentia desconfortável.

-- Pois bem, tenho... -- Sua voz desapareceu ao entrar outra jovem no quarto.

Era alta, devia medir cerca de um metro sessenta, cabelos negros e olhos de um azul profundo. Era preciosa.

-- Jenna! -- Gritou ao ver sua amiga na maca - Graças a Deus esta bem! A mulher que me chamou, me disse que tinha sido assaltada. Os olhos de Jenna se encheram de lágrimas.

-- Não sei o que aconteceu. A última coisa que lembro é de ter sido do carro. Se não houvesse sido por ele, provavelmente agora estaria morta.

A menina deu a volta e ficou paralisada. Olhou a Gallagher como se tivesse vendo um fantasma. Ele retornou o olhar com desconfiança.

-- Aconteceu alguma coisa? -- Perguntou.

Ela franziu o cenho.

-- Não - respondeu agitando a mão, como se tentasse dissipar algo.

Desculpe, é que me recorda alguém.

Naturalmente, isso explicava seu comportamento estranho.

-- Seu ex?

-- Não, meu bisavô.

Achou graça do comentário.

-- Isso não é muito lisonjeiro para dizer. Pensava que estava muito bem para minha idade. - A menina riu.

-- Não, eu me referido ... Bem, não importa.

Jenna inclinou sua cabeça enquanto observava.

-- Tem razão, Rose. Se parece muito com ele. Rose.

O nome dela o golpeou como um punho. Antes que pudesse se mover, a menina se aproximou e tirou um medalhão de ouro gravado que levava debaixo do casaco marrom. Ele conhecia muito bem aquele medalhão, desde a imagem formada por diamantes incrustados, até a inscrição no verso: Para minha Rose. Feliz aniversário. 1930

A menina abriu o medalhão e lhe mostrou as fotografias do interior. Uma era sua que Rosalie pediu que fizesse alguns meses antes de sua morte, e a outra era seu filho, aos dois anos.

-- Olhe - disse a menina mostrando a fotografia - parece com meu bisavô Jamie.

Gallagher engoliu saliva com o coração em um punho. Queria tocar o medalhão, mas suas mãos tremiam tanto que não ousou tentar.

-- Quando recebeu isso?

-- Minha bisavó me deu na última primavera tínhamos o mesmo nome, e por isso queria que eu o tivesse - Confessou sorrindo com tristeza e fechado o medalhão de retorno ao seu lugar abaixo do casaco. Meu pai disse que meu bisavô Jamie foi um gangster, mas não acredito. Minha bisa Rose nunca teria casado com alguém assim. Ela era uma santa.

Respirar devia seguir respirando e lutar contra a vontade de pegá-la em seus braços e chorar. Era sua Bisneta. Rosalie. Esta jovem vibrante era o laço vivente que o ligava a sua mulher. Quando foi capaz de falar, sua voz saiu rouca e espessa.

-- Deve ter te amado muito para te dar um presente como esse.

-- Eu sei. O levava posto todos os dias de sua vida até que me deu. Algumas vezes me pergunto se morreu porque se separar dele era muito difícil para ela - corou. Desculpe. Não sei por que estou te contando isso. É estranho, Certo? O de se parecer tanto com ele, e tudo isso.

Gallagher limpou a garganta.

-- Sim, é estranho - não podia afastar os olhos dela. Não havia muito de Rosalie nela, mas sentia o vinculo que os unia no mais profundo de seu coração. Ela era a sua família, e não poderia dizer nunca. Igual não pode dizer a seu pai, e nem a seu avô. Gallagher havia vendido sua alma por vingança, e tinha sido forçado a voltar para as sombras e abdicar os cuidados de sua família a estranhos. Mas, pelo menos, tinha a companhia dos escudeiros. Depois se tornar um caçador, eles haviam se encarregado pelo envio de pessoas a lidar com o bem-estar de sua família. O governo tinha deixado Rosalie sem nada, haviam confiscado incluo suas posses pessoais, deixando-a desamparada. Os Escudeiros deram-lhe um emprego, e alguns anos mais tarde, foram responsáveis por que Rosalie saísse com um deles,

um tipo de boa índole, o qual acabou se casando eventualmente. Harry se encarregou de lhe enviar fotos e notícias de seu filho e netos.

O Conselho de Escudeiros tinha garantido a segurança e o bem-estar de sua família enquanto ele perseguia e caçava os Daimons, esta era sua nova ocupação.

Ash o alertou que seria difícil. -- Embora seus descendentes continuem a viver, a idéia de sua família o ira perseguir e torturar. Mas ira superar... com o tempo. Outros Caçadores o tinham confirmado, mas nesse momento, com sua bisneta em sua frente, não parecia ser possível. Deus, era tão injusto!

Devido à ganância e egoísmo de um, lhe haviam tirado tudo pelo que tinha lutado. Ou talvez esta fosse a maneira de pagar pela vida violenta que havia escolhido. Um desconhecido afastado do mundo, sem possibilidade de regressar a ele não poderia regressar para os seus jamais. E essa verdade machucou. Exausto e ferido, se desculpou com as meninas e deixou o hospital.

A rua estava completamente deserta. A essa hora, todos estariam refugiados no calor de suas casas. Mas não havia calor para Gallagher em nenhum lugar.

E duvidou que voltaria a existir. Só tinha sentido junto a sua esposa.

Ele retornou ao carro e dirigiu ao santuário, o bar de motociclistas regido pelo clã dos Ursos, um dos clãs Katagaris - animais que podiam adotar forma humana. Estacionou na garagem privativa em frente ao bar. Um rapaz louro aproximou cautelosamente, preparado para lidar com ele a qualquer momento.

-- Quem é você? -- Perguntou.

Gallagher não o conhecia, mas se parecia o suficiente com os Peltier para assumir que este era um de seus muitos filhos.

-- Meu nome é Gallagher. E o seu?

Antes que o garoto pudesse responder, Elizar Peltier saiu pela porta traseira.

Tinha o cabelo loiro e cacheado preso em uma tira que o afastava do rosto, usava umas calças negras e uma camisa negra muito folgada.

-- Jamie Gallagher ... -- Disse lentamente - que me fodam! -- Empurrou o garoto que parava na porta da garagem - Kyle, diga a mamãe que ponha um prato de carne de boi e repolho. Temos um Dark Hunter que precisa comer.

O garoto parecia irritado com a ordem.

-- Não sou seu empregado, Zar. Quer que lhe diga ...

Zar retornou e deu lhe um empurrão, estava brincando com o menino.

-- Vamos, cachorro, antes que te faça mal.

O rapaz não parecia muito satisfeito com a idéia de obedecer a Elizar.

-- Um novo membro da família? - perguntou Gallagher.

Zar assentiu.

-- Só têm vinte e sete anos, e ainda esta aprendendo a controlar os seus ... Como diríamos? Sim, as suas habilidades.

- Quanto tempo passou da última vez que estive aqui?

- Creio que passou uns vinte anos, mais ou menos, desde que usufruímos o prazer de sua visita.

O tempo era verdadeiramente efêmero para um imortal.

- E ainda se recorda da minha comida favorita.

Zar deu de ombros.

- Nunca esqueço um amigo.

Nem Gallagher; eram poucos e estavam muito longe. Zar o conduziu ao edifício anexo ao bar, do outro lado da estrada. Construída no inicio do século, o edifício dos Peltier era a Casa da Família Katagaria e de seu díspar grupo de refugiados. A casa estava unida ao bar através de uma porta no piso inferior, permanentemente vigiada por um dos onze filhos dos Peltier. Em contraste com outras famílias Katagaria, obrigadas a fugir para salvar suas vidas dos ataques dos Arcadios, os Peltier -graças à ajuda de Acheron- conseguiram construir um verdadeiro lar no coração de Nova Orleáns. No mundo dos Dark Hunters eram lendários, uma vez que acolhiam a qualquer que necessitasse com a um amigo não importando se eram Dark Hunters, Sentinelas, Dream Hunters ou qualquer outro.

Não importava a procedência desde que tivesse um bom comportamento e guardasse as armas; se respeitavam essas duas condições, podiam vir e viver em paz.

Os que não cumpriam a regra da casa de Não Derramar Sangue, eram abatidos antes de se darem conta.

A elegante mansão vitoriana estava em completo silencio, exceto pelo som amortecido dos Howlers, que tocavam no palco do bar. A casa estava decorada com antiguidades, tão velhas como o próprio edifício.

O clã dos Ursos não gostava das mudanças. E Gallagher gostava dessa característica. De alguma forma era como voltar a se sentir em casa.

- Quanto tempo vai ficar? -perguntou Zar enquanto o acompanhava até um dos quartos de hóspedes subindo pelas escadas de mogno esculpidas à mão.

- Até o Ano Novo - e Zar assentiu.

- Mamá se alegrará em saber. Quer que mande algum dos filhotes trazerem roupas ou outra coisa?

- Não, obrigado. Acabo de voltar de Houston e tenho uma mala no carro, estava ajudando Pagan durante algumas semanas.

- Direi a Kyle que a busque - e mostrou a Gallagher o quarto no fim do corredor.

Ao entrar, se encontrou em um quarto agradável e acolhedor, não demasiada grande, mas tão pouco excessivamente pequena.

As janelas estavam equipadas com persianas e recobertas com uma espessa cortina que o manteria protegido da luz solar.

Zar mostrou o banheiro anexo ao quarto, um armário e uma mesa com um televisor embutido que tinha acesso a todos os canais a cabo. Depois lhe mostrou uma escrivaninha com um computador junto a mesa de televisão.

- Têm um modem instalado, caso tenha trazido seu portátil.

Gallagher curvou os lábios em uma espécie de sorriso.

- Todos os confortos de um lar.

- Isso nós tentamos. Ainda recordo os dias que éramos obrigados a fugir e ficar escondidos, sem possibilidade de desfrutar um único luxo, quando devíamos deixar tudo para trás para podermos nos manter vivos.

O que Zar não mencionou foi o fato de que, em uma dessas vezes, seus dois irmão mais velhos morreram porque voltaram em busca de uma boneca que sua irmã tinha esquecido. Não havia modo de acalmar Aimee, e seus irmãos só queriam vê-la feliz. Os Katagarios podiam ser animais, mas tinham um coração que podia rivalizar com qualquer humano.

- Quer que suba com uma bandeja ou prefere comer lá embaixo?

-Comerei abaixo - disse Gallagher. Era muito cedo para sua alimentação noturna, e ainda faltava um par de horas para caçar.

- Então, Toma uns minutos para se instalar e se reúna conosco quando estiver pronto.

Gallagher seguiu a Zar com os olhos até que desapareceu pela porta, enquanto recordações e sentimentos o atravessavam. Apreciava a amabilidade dos Ursos ao oferecerem sua casa, mas trocaria todo seu dinheiro e sua imortalidade para passar uma só noite com sua mulher e seu filho.

Um só Natal junto a eles e observar o rosto de Rosalie se iluminar ao abrir um presente. A dor de sua perda o atormentava. Mas não queria se sentir assim, não queria sofrer e desejar coisas que jamais poderia ter.

Sentou-se na cama e ficou ali, com os olhos vidrados. Podia ver o rosto de sua bisneta , e se perguntava se voltaria a casa para estar com sua família. E, em relação a isso, também se perguntava se não seria melhor retornar a sua casa. Pelo menos, Chicago lhe era familiar.

Repentinamente cansado, se deixou cair na cama para descansar alguns instantes. Fechar os olhos um momento e lembrar a época em que era humano. Uma época em que era cercado de amor...

Jamie tremia, enquanto observava a vitrine da Macy's. Tinha uma enorme coleção de cachecóis de lã, o tipo de cachecol que sua mãe sempre parava a olhar com admiração. Como desejava poder presenteá-la com um. Mas aos nove anos, era muito consciente de sua pobreza, e ao fato que era muito provável que nunca poderia dispor de algo tão bonito para presentear a sua mãe. Deprimido, se deu a volta para ir embora e topou de frente com um homem.

Abaixou a cabeça esperando o merecido golpe por sua inércia.

- Esta bem? -perguntou uma voz profunda e melódica cheia de preocupação.

- Sim, senhor -disse levantando os olhos, muito, muito acima até poder ver o rosto do homem, que era do tamanha de um gigante- santa merda! -exclamou- Você é tão alto como uma montanha.

O homem lhe deu um ligeiro e amável sorriso enquanto se agachava a seu lado.

Recolheu o chapéu de Jamie do chão, o limpou e colocou de novo em sua cabeça.

O homem usava um terno negro, muito caro, com um sobretudo grande, também negro.

Não havia nem um traço de poeira neles, nem um remendo. Nunca havia visto ninguém se vestir com tanta elegância. Sue cabelo longo e negro, estava cortado a moda, abaixo de um caríssimo chapéu-coco. Jamie não podia apartar a visão dos olhos daquele homem: eram como a água, se agitavam em redemoinhos de azul e prata, prendendo-o.

- O que olhava na vitrine? -perguntou o homem.

- Os cachecóis.

O tipo lhe piscou um olho.

- Eles parecem esquentar.

- É o que penso. A minha mãe adoraria ter um.

O homem se pôs de pé e inclinou a cabeça, assinalando com um gesto a porta da loja.

- Vamos entrar, Jamie. Encontraremos um muito colorido e bonito que a faça feliz.

- Mas senhor, eu não tenho dinheiro.

- Não tem problema. Eu tenho muito e quero gasta-lo.

Uma vez que estava no interior da loja, Jamie se deu conta que o havia chamado por seu nome.

- Te conheço de algum lugar, senhor?

Ele negou com a cabeça enquanto pegava um cachecol de um vermelho berrante e o entregava.

- O vermelho é sua cor favorita, verdade?

- Sim, mas não a colocará por medo.

O homem assentiu com um gesto e voltou a soltar.

- Seu pai se zangaria outra vez com ela. Que tal um azul que combine com seus olhos?

- Como você sabe isso? -o homem não respondeu e se limitou a guiá-lo pela loja escolhendo presentes para ele e sua família. Jamie estava atordoado pela generosidade do desconhecido.

- Mas... senhor. Não posso aceitar tudo isso. Meu pai não o entenderá.

- Este Natal não se zangará contigo, te prometo.

Conhecendo bem as atrocidades que seu pai cometia sobre o efeito do álcool, Jamie não acreditou nas palavras do homem.

- E como sabe?

- Eu sei.

Uma vez que tudo estava pago, o homem saiu da loja em sua frente e parou um táxi. Era para Jamie. Pagou um extra para que o menino pudesse ir coberto por uma manta que mantivesse seus pés abrigados. Ninguém nunca tinha sido tão amável com ele.

- Voltarei a te ver outra vez?

O rosto do homem adotou uma expressão mortalmente seria.

- Um dia voltaremos a nos ver, mas para então, não me recordará.

- Jamais o esquecerei.

O estranho sorriu com bondade e acertou o chapéu de Jamie.

-Seja um bom menino, Jamie. Que passes um feliz Natal com sua família.

O táxi saiu voando do desconhecido. Jamie se levantou no assento, apoiando-se sobre os joelhos para poder olhar ao homem que, tinha dado a volta e caminhava rua abaixo.

Gallagher despertou e descobriu que havia dormido durante três dias. Não recordava ter sonhado.

- Porque me deixaram dormir tanto? -perguntou a Mamá Peltier assim que deixou seu quarto e se encontrou no salão do primeiro andar.

Era uma mulher requintada em sua forma humana, alta e loira, que quase sempre trajava roupas elegantes. Apesar de não aparentar mais de quarenta anos, passava dos oitocentos.

- Acheron disse que precisava descansar, e eu estive de acordo.

- Mas três dias? -a mulher deu de ombros.

- Te sente melhor?

Certamente sim, ao menos, fisicamente se encontrava melhor. Acabava de escurecer.

Era véspera de Natal. O clã dos Ursos se reunia pouco a pouco nos grandes salões do primeiro andar, decorados com um par de altíssimas arvores de Natal.

Gallagher se manteve ao fundo da estadia, observando os cada vez mais numerosos grupo de Katagarios e Arcadios que viviam na casa dos Peltier, e que se reuniam para a iminente festa.

Serre e Alain Peltier se encontravam ali com seus parceiros e seus filhotes. As crias escalavam as montanhas de presentes e tentavam subir nas árvores de Natal, enquanto seus pais -que mantinham suas formas humanas em consideração a Gallagher- os colocava de volta ao chão.

Justin Portakalian baixou as escadas em forma de pantera e capturou um dos filhotes pelo pescoço, o jogou rolando pelo chão enquanto Marvin, em forma de macaco, chiava nervoso e tentava saltar nas costas de Justin para dar uma cavalgada. Era a reunião natalina mais grotesca que Gallagher havia visto nos seus mais de cem anos de vida. Sentia-se fora do lugar, muito mais deslocado que quando chegou as três dias atrás. Quando os membros do Santuário se reuniram a festa, Gallagher decidiu que precisava de um pouco de ar fresco e respirar para clarear suas idéias. Encontrou a Mamá Peltier na porta.

- Está bem?

Gallagher respondeu com um sorriso.

- Um pouco sobrecarregado, Voltarei em uns minutos.

A mulher lhe deu umas palmadinhas no braço e o deixou para se reunir com sua família.

Ele deu a volta para o vão da porta e olhou o caos que se havia formado no salão. Realmente essa era a palavra: caos.

Fechou a porta atrás de si e entrou na fria e escura noite, vagando sem rumo pelo bairro Francês. Antes de raciocinar, se encontrou diante da Catedral de São Luiz. Há muito tempo não entrava em uma igreja. So havia

algumas poucas pessoas próximas ao local. Sem dúvida, a maior parte dos paroquianos esperava até à hora da missa do Galo. Começou a dar a volta para se distanciar, mas em lugar disto, seu corpo seguiu as pessoas que se encaminhavam ao interior. O átrio da igreja era escuro, mas com sua visão de caçador, podia ver com facilidade, e se dirigiu até a pequena pia de água benta na parede da esquerda, ao lado da Sacristia. Benzeu-se com a água e abriu as portas de madeira escura que levavam ao interior. A beleza dos vitrais e das imagens o devolveu rapidamente aos dias de sua infância, quando ele e seus irmãos faziam sua mãe passar verdadeiros suplícios por conta de suas travessuras quando ela se via obrigada a encurralá-los entre os bancos da Catedral de São Patrício. Sempre iam a missa do Galo na Véspera de Natal, sem importar o tempo que fizesse ou a saúde de sua mãe.

Gallagher fez uma mesura, se incorporou e sentou na última fila de bancos. Podia sentir a Rosalie em qualquer lugar, como uma boa crente e praticante, jamais tinha faltado a um dia de reunião, e ele a acompanhava submissamente, mergulhado em um mar de dúvidas. Sempre paciente, Rosalie se sentava a seu lado, lhe dava uma palmadinha no braço e sorria satisfeita consigo mesma por haver conseguido algo que parecia impossível.

- Sinto saudades, Rose -disse com o coração na garganta e uma dor insuportável no peito provocada por sua ausência. Queria ficar ali onde sentia sua presença, mas não podia. Nenhum Dark Hunter podia permanecer muito tempo em uma antiga igreja antes que os fantasmas do passado o atormentassem. E nesse momento, se encontrava muito fraco para enfrentá-los. Colocou-se de pé, silenciosamente, regressou a pia de água benta e saiu a rua. Fazia frio, mas nada como o ar gelado de Chicago ou com a frieza que se estendia em seu interior. Desceu pela rua Chartres, mas na

realidade, não sabia a onde se dirigia. Não tinha desejos de voltar ao Santuário e não havia necessidade de caçar na Véspera de natal, Uma vez que a maioria dos humanos estava em casa com suas famílias, e os daimons costumavam fazer o mesmo.

- Ola. Ola!

Ele parou ante a familiar voz cantarina. Virou e encontrou a "Simi" atrás dele.

- Ola! -respondeu, esperando encontra a Ash junto dela, mas, aparentemente estava sozinha. Simi se aproximou dele dando saltos. Realmente não havia outra maneira de descrever sua forma de andar, feliz e despreocupada.

- O que faz sozinha na rua? -Perguntou a menina- Não lembras o caminho de volta ao Santuário? - e apontou com o dedo o caminho aonde se dirigia- Está justo ali. Os Ursos são quase sempre muito fáceis de localizar. Pode os escutar a cantar a quilômetros de distância.

- Não, quero estar sozinho um pouco.

Simi deu de ombros e franziu o cenho.

- Por quê? Não te trataram bem? Mamá Peltier fica um pouco grosseira comigo, quando brinco com os filhotes, pensa que vou comer alguns, mas não são apetitosos. Muito peludos. Mas, se me deixarem arrancar a pele de algum, é certo que pensaria duas vezes.

Gallagher riu sem se dar conta.

- Isso é uma piada?

- Oh, não! Nunca brinco sobre pelos na comida. São asquerosos -lhe confessou observando-o. -Se não foram grosseiros contigo, porque se afastou?

- Não sei. Suponho que não me sentia bem ali.

- Por quê?

Obteve um encolhimento de ombros como resposta.

- E você, o que faz aqui fora?

- Nada. Akri saiu com esse demônio de cabelo vermelho, assim que me disse que podia ir passear, sempre e quando não comessee nada que não tivesse sido cozido por um humano. Mas me dei conta que meus lugares favoritos estão fechados, e isso não me agrada em nada. Assim que pensei em fazer uma visita aos Ursos e ver se José -que é humano e não urso- me prepara algo bom para que akri não fique louco com o que eu como.

- Akri é Ash?

- Sim.

- E o demônio perigoso?

- Artemisa, essa deusa vaca. Você a conhece. É a que roubou sua alma.

- Não a roubou.

Simi fez uma careta.

- É claro que fez. Ela rouba tudo.

A menina se pôs na ponta dos pés para o olhar nos olhos.

- Hey! -Gritou enquanto pegava o queixo de Gallagher para mover sua cabeça de um lado para o outro, o examinando a fundo- Há dor aí dentro. Isso so fará que akri se ponha muito triste. Não o agrada que seus Dark Hunters sofram, e a Simi não gosta que akri se ponha triste. Porque sofres?

- Perdi minha família.

Enquanto assentia enfaticamente com a cabeça, o soltou.

- Eu também perdi a minha. Minha mamãe era muito boa. Brincava comigo a todas as horas. "Simi", me diria "te amo". Assim sabia que me

queria. Akri também me ama -inclinou a cabeça um pouco para mostrar os chifres, cobertos nessa ocasião, pelo que parecia ser uns gorros feitos a mão- Olha, akri inclusive me da aquecedores para que não me esfriem os chifres. Você também quer aquecedores para seus chifres?

Essa devia ser a conversa mais estranha de sua vida. E não sabia por que continuava ali, conversando com ela. Talvez pela maneira infantil como ela se comportava, havia uma aura de inocência a seu redor.

- Eu não tenho chifres

- Quer alguns? -Perguntou esperançosa- Posso te dar uns coloridos. Akri têm uns negros, mas não deixa que ninguém os veja.

- Ash tem chifres?

- Oh, sim! São preciosos, não tão bonitos como os meus, mas são muito bonitos. Simi te diria que Oxalá os visse, mas se o fizesse, morreria, e penso que Simi não gostaria, você parece muito bonito.

Gallagher franziu o cenho. Essa menina era um ser muito estranho. A observou enquanto mexia em sua gigantesca bolsa. Depois de alguns segundos, tirou um acendedor de forno em forma de peixe e lhe ofereceu.

- Isso também é de qualidade. Do QVC. Minha televenda favorita. Você também vê QVC?

- Não.

- Pois deveria. Me agradam todos os produtos. Akri disse que eu sou viciada, mas não se queixa muito quando compro. A eles também gostam muito minha pessoa. Eu entro no programa, e eles me chamam Senhorita Simi. Me agrada.

Gallagher lhe devolveu o acendedor.

- Oh, não! Isso é para ti. Os presentes trazem felicidade. E Simi quer que sejas feliz.

Sim, indiscutivelmente esse era o momento mais estranho de sua vida. Tanto da mortal como da imortal.

- Obrigada, Simi.

Simi subtraiu importância ao agradecimento com um gesto de mão.

- Não precisa me agradecer. Isso é o que fazem as famílias. Cuidam-se, uns aos outros.

Seu estomago se contraiu ao ouvir.

- Faz muito que não tenho família. Tive que os abandonar.

- Todo mundo têm uma família. eu sou sua família. Akri é sua família. Inclusive essa odiosa e velha deusa é sua família. É como essas tias velhas e horripilantes que vêm de visita e ninguém gosta, por isso quando vai embora todos riem dela.

Gallagher riu de novo.

- Ela sabe que fala assim dela?

- É claro. Eu falo pra ela o tempo todo, Por isso akri me deixa passear quando está com ela. Não lhe agrada que briguemos -lhe agarrou a mão e continuou falando-. Escuta e te direi uma coisa que akri me disse uma vez. Temos três tipos de família: aqueles de quem nascemos, aqueles que nascem de nós e aqueles que levamos no coração. Eu te levo no meu coração, assim que Simi é agora sua família, e não te deixara ir embora. Se esta triste, suponha que será porque sua família ainda está no seu coração, e ocupam tanto espaço que não sobra lugar para mais ninguém -disse lhe dando umas tapinhas no centro do peito-. Olha, minha mamãe ainda está no meu coração, mas também está akri, e Zoe, e Braz, e Kyrian e muitas outras pessoas que

conheci ao longo dos séculos. Você também esta agora no meu coração. seu problema é que deve aprender a seguir em frente.

- Não posso deixar para trás aos meus.

- E não deves mesmo. Jamais. Ninguém deve esquecer seus seres amados. Mas seu coração é surpreendente, sempre se pode fazer maior para seguir colocando tantas pessoas como necessite. Os que vivem nele, não se irão jamais. É uma espécie de casa. Simplesmente faz morada para mais uma pessoa, e depois para outra, e outra, e outra. É como comprar no QVC, cada vez que uma sala fica cheia de objetos, akri me faz outra nova. Sempre há espaço para muito mais.

Talvez essas palavras tivessem um pouco de verdade. Com as mãos entrelaçadas, Simi começou a andar instigando Gallagher a que a acompanhasse.

- Toda sua família é feliz agora. Quero dizer, não estavam felizes quando desapareceu, mas não vamos regressar a esse momento. Aprenderam a aceitar a outros, e agora são pessoas felizes. seguram em frente, e você precisa fazer o mesmo para poder ser feliz. Não quer que Simi seja sua família?

Sentiu-se um pouco tonto com a rapidez da conversa e suas trocas de tema. Simi se inclinou ligeiramente até ele e sussurrou.

- Agora é quando diz: "Sim, Simi, me encantaria que fizesse parte de minha família." Porque, se não o faz, então terei que tirar outra vez meu acendedor e te assar na churrasqueira. Akri ainda esta um pouco chateado pelo último Dark Hunter que assei faz ... oh! Mais de mil anos. Tem memória de elefante para recordar certas coisas. Assim que me responda, quer que Simi faça parte de sua família?

Gallagher sorriu sem dar-se conta.

- Sim , Simi, me encantaria que fosse minha família.

Ela sorriu satisfeita.

- Bem. É um caçador muito inteligente. Não me estranha que akri goste de você.

Antes de ser consciente do que ocorria, Simi o havia levado de volta ao Santuário. Abriu a porta e ficou ali, esperando que ele entrasse. O alvoroço de momentos antes não era nada comparado com o que havia agora. Havia quatro falcões apoiados sobre a barra de uma cortina, dançando ao ritmo de músicas natalinas, na versão rock, que os Howlers (adotando sua forma humana) estavam cantando, enquanto Dev Peltier tocava o piano. Um tigre branco estava deitado de barriga para cima no sofá, e Marvin, o macaco, se dedicava a saltar alegremente sobre sua barriga. Um enorme Urso negro - certamente Aimee Peltier-, dava sanduíches de pasta de amendoim a uns filhotes. Uma ruiva com uma cicatriz no rosto aproximou deles e deu um enorme abraço em Simi.

- Hey! Pequeno demônio, onde deixou o chefe?

Simi deu de ombros.

- Está atendendo a Sua Majestade "Sou pior que um grão no culo". Como estás Tabitha? Vieram com você sua irmã e Kyrian?

- Chegarão amanhã. As náuseas matinais atacaram a Amanda exatamente quando se preparavam para sair, e Talon disse que estaria aqui assim que pudesse.

As duas mulheres se perderam na multidão. Gallagher permaneceu na porta, observando a comoção. Arcadios, Katagarios, Dark Hunters, demônios, humanos e quem sabe o que mais, se encontravam reunidos no

salão. Segundo as leis, não deveriam se misturar, e ainda assim, todos estavam juntos. Unidos por algo mais que o sangue. Unidos por seus corações.

Colt se aproximou dele. Um Sentinela Arcádio, seu trabalho consistia, tecnicamente em perseguir e caçar aos Katagarios. Mas muitos anos atrás. os Peltiers haviam resgatado e protegido a mãe de Colt, e depois da morte dela, se encarregaram de criar seu filho. Era leal ao clã dos Ursos, tanto como qualquer filho natural dos Peltier. Sorrindo, tirou um acendedor em forma de abacaxi do bolso traseiro de sua calça.

- Homem, Gallagher, deve te ter em alta conta. Conseguiu um dos peixes. Eu so consegui um asqueroso abacaxi.

- O que? Quer dizer que da um acendedor a todos que encontra?

- Que nada. Só a família.

Gallagher olhou a sua volta, e viu algo que não havia notado antes. Todos tinham um acendedor.

Fim